

## Luz e sombra: o novo Ilumismo à luz da psicanálise

Mardem Leandro Silva<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura”, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica: Articulações”, pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Graduado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Coordenador do Laboratório de psicologia: clínica, ciência e cultura (LaPSICC). Professor de psicologia e chefe do Departamento de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Unidade Cláudio).

Resenha de: Pinker, S. (2018). *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

*Os que são governados pela razão não desejam para si nada que também não desejem para o resto da humanidade.*  
(Spinoza, *Ética*, livro IV – A servidão humana ou a força dos afetos)

Steven Arthur Pinker (1954) é psicólogo e linguista canadense, professor de Harvard e se apresenta como um legítimo apologeta da razão. Tal como se faz notar em seu livro *O novo Iluminismo*, publicado em 2018, intitulado como uma defesa intransigente de seu tripé iluminista: razão, ciência e humanismo, devido ao quadro romântico do cotidiano secular que, desde a altura do século XIX, compuseram as linhas mestras do ocaso da *velha luz*, esta fundamentada nas proposições enciclopédicas de Diderot, ceticistas de Hume, universais de Kant e cosmopolitas de Voltaire.

Em seu livro, Pinker (2018) apresenta um panorama do que seria o velho Iluminismo, compaginando o clássico mote do poeta romano Horácio: *sapere aude* – Ouse entender! E o próprio autor se apressa em confutar possíveis críticas, dizendo que, embora possa parecer que o contemporâneo não seja lá a época mais auspiciosa para se lançar um livro pautado pela defesa vibrante da arrancada histórica do progresso, qualquer avaliação racional do atual estado de coisas nos mostra uma realidade francamente diferente, no sentido de que toda avaliação desoladora do cenário do mundo resta espetacularizada, na medida em que é pautada por um viés midiático franqueado pelo pior.

Em que pese reconhecer, o século das luzes produziu os esteios de uma perspectiva otimista, desde a qual a humanidade se viu em condições reais de tornar este mundo um lugar menos arrazoado, mediante o livre exercício de suas capacidades, tuteladas pelo acertado uso da razão, traço fundante do saber moderno e que implicaria na tácita admissão de que a realidade não encerraria mais insondáveis mistérios.

Lastreado por esse espírito, Kant (1784/1990) responderá à pergunta: *O que é o Iluminismo?*, nos termos de localizar certa saída para o estado de tutela que os próprios humanos se impuseram. Será preciso *ousar saber*, ter a coragem de fazer uso da sua própria razão! Com esse lema, segundo Pondé (2019), o Iluminismo se organizou em ao menos três eixos: a) o Iluminismo britânico, que teria seu epicentro numa sociologia das virtudes; b) o Iluminismo americano, centrado numa política da liberdade; e c) o Iluminismo francês, cernido por uma ideologia da razão. Malgrado suas contradições, é sobre essa rubrica francesa que a *Madame Raison* irá arbitrar o embate entre o pessimismo social de uma pedagogia política do bom selvagem, descrita no *Emílio* de Rousseau, e o otimismo do melhor dos mundos possíveis, delineado no *Cândido* de Voltaire. Assim, a filosofia da Ilustração capitulou o que se daria a representar como sendo a saída da humanidade de sua

menoridade sapiencial rumo a uma emancipação que encontraria seu crepúsculo no ardor profuso do movimento romântico. Devido a esse imbróglio, Pondé sustenta que, quando menos, a modernidade seria bipolar: altercando periodicamente seu pendore iluminista (uma aposta otimista no progresso da razão) com sua verve romântica (seu mal-estar com a modernidade). Haveria, nas entranhas ermas da razão cartesiana, algo a ser sumariamente rejeitado, posto à distância do resvaladiço luminar da consciência.

Apesar de se propor como um cético crítico da metafísica da história, Pondé (2019) constrói seu argumento em torno de uma dialética que parece passar desconsiderada por Pinker (2018), que intenta, em plena aurora do século 21, apresentar seu livro numa chave de interpretação na qual se propõe como um verdadeiro manifesto – um manifesto da razão iluminista. O ponto alto de sua proposta se localiza na parte III: razão, ciência e humanismo, sob o prisma de um rigoroso registro de dados e da apresentação de um incontestável progresso nas mais diversas áreas, que vão desde expectativa de vida, saúde, riqueza, segurança, democracia, qualidade de vida, até temas como felicidade e ameaças existenciais.

Parte decisiva de seu argumento gira em torno do medo que a humanidade teria do progresso: a progressofobia. Um medo que impede que se coloque em justo valor as árduas conquistas, descobertas e evolução da sociedade. De tal forma que essa atmosfera de medo associada à espetacularização midiática compõe um cenário de pessimismo quanto aos destinos do mundo, uma vez que se correlaciona com um franco ceticismo em relação às instituições modernas, aos intermináveis conflitos armados e desastrosas guerras de poder. Posto esse desarranjo, Pinker (2018) apresenta uma visão de mundo alicerçada em rigorosa análise de dados e fatos, na medida em que inspirada por ideais, os mais nobres, de um novo Iluminismo – a razão, a ciência, e o humanismo, pautados pela marcha civilizatória do progresso.

É como se Pinker (2018), de esguelha, desautorizasse as premissas da existência de um passado que fosse idílico – aquele anterior ao Renascimento, o medieval, aquele infenso à novidade do humanismo de Petrarca – para chamar a atenção para o óbvio: no geral a humanidade está melhor encontrada agora do que estava em qualquer outra ocasião. Segundo Pinker, os ideais do Iluminismo seriam genuínos produtos da razão humana, e por essa origem estariam em perene conflito com outras facetas de nossa própria natureza, tais como a lealdade à tribo, o acato à autoridade, o pensamento mágico, e a atribuição de infortúnio a elementos malfazejos, que vão desde a força dos astros até entidades sobrenaturais capazes de traçar nosso destino. Nesses termos, o esquecimento da realidade do progresso humano poderia custar mais caro do que o sofrimento de uma angústia existencial.

Nesse sentido, para Pinker (2018, p. 17), “a razão é inegociável” e não pode transigir com o conhecimento oriundo de um dogmatismo religioso ou político, qualquer que seja ele. O que não significa que os iluministas afirmassem que os seres humanos *seriam*

conscientemente racionais, mas sim que *deveriam* ser racionais, ou seja, que podemos ser racionais, podemos aprender “a reprimir as falácias e os dogmas que nos seduzem com tanta facilidade”, e mais que isso, “que podemos ser racionais, coletivamente, se não como indivíduos, criando instituições e aderindo a normas que restringem nossas faculdades, entre elas a liberdade de manifestação, a análise lógica e os testes empíricos” (Pinker, 2018, p. 320).

Nesse contexto, a ciência seria um refinamento da razão. Uma cartografia, a mais precisa, da jornada de adaptação dos seres vivos, na qual o *Homo Sapiens*, que resta como produto da seleção natural darwiniana, se vê em condições de pensar sobre as consequências de ideias fundamentais como entropia, evolução e informação. A entropia seria uma grandeza termodinâmica com a qual se faria a métrica do grau de liberdade molecular de dado sistema que tende à desordem. É a suprema lei da natureza, capaz de definir os próprios destinos do universo, além do propósito fundamental da vida e de tudo que alcança o engenho humano. Mas como Pinker (2018) articula seu otimismo iluminista com o fato de que em sistemas fechados a entropia sempre aumenta?

De início, ele salienta o erro de análise dos criacionistas quando fazem uso da noção de entropia, porquanto justamente desconsideram o sintagma “sistema fechado”, deturpando o alcance da segunda lei. Os seres vivos são *sistemas abertos* que lutam por energia para manter um ordenamento mínimo, como zonas de ordem circunscritas, propícios de se estenderem dos indivíduos para o coletivo e suas expressões em ideias. De tal forma que é preciso sustentar o ideal iluminista, pois somente com o aporte evolutivo de nossa mente paleolítica – ainda adaptada às urgências existenciais do pleistoceno – haveria, como há, um considerável descompasso de adaptação à evolução; uma vez que, segundo Pinker (2018), o limite de velocidade evolutivo é medido no correr de gerações, e não se mostra capaz de adaptar nosso cérebro às demandas complexas da vivência institucional moderna ou os avanços da tecnologia: “os humanos atuais dependem de faculdades cognitivas que funcionavam bem em sociedades tradicionais, mas que agora percebemos estar infestadas de falhas” (Pinker, 2018, p. 31).

A civilização atual é um verdadeiro arranjo *contraentrópico*, no sentido de facultar ao humano uma visão de mundo capaz de palmilhar melhor as incontáveis arestas de nossa disposição gregária. Para Pinker (2018), a própria beleza, fruto atemporal do cultivo da razão, parece deitar suas raízes em nossa fisiologia, não sendo apenas apanágio subjetivo dos olhos de quem vê – “a resposta estética do cérebro pode ser uma receptividade aos padrões contraentrópicos que podem surgir na natureza” (Pinker, 2018, p. 25), os padrões de beleza, o ordenamento social, o progresso, parecem recapitular o impávido Bom, Belo e Verdadeiro de outrora. Mas, talvez um pouco de nacionalismo revisitado seja suficiente para demonstrar que não basta esses altivos lemas, como os de nossa bandeira, ordem e progresso, para que a coisa ande.

Ao que tudo indica, o simples fato de se estar localizado no olho do furacão da era da informação ainda não é condição suficiente para endossar em bloco o alcance das teses de Pinker (2018). Talvez porque seu otimismo seja afeto estrangeiro no conjunto de proposições que se sustentam por sobre os exíguos ombros da neutralidade científica, e que a profusão de dados de pesquisa científica não funciona como argumento equivalente ao consenso científico, em razão do uso de um certo viés de confirmação para se interpretar os fatos. Ou talvez ainda porque a bipolaridade que retrata a modernidade não seja somente uma alegoria. De toda sorte, o que importa é a potência de nossa aposta, tal como Freud (1927/2014) nos fez reconhecer, no livro *O futuro de uma ilusão*, no qual ele contrapõe as forças contingentes do destino, a qual ele nomeia como *Ananké* (a necessidade acéfala), ao esforço humano em fazer ciência, o *Logos* – o empenho humano ordenado em face ao destino entrópico.

Por fim, a aposta freudiana no *Logos* é similar à aposta de Pinker (2018) com seu novo Iluminismo, com a ressalva de que o romantismo analítico de Freud o fazia reconhecer as inevitáveis regiões de sombra de um possível novo século das luzes. Pinker, por sua vez, parece atender à demanda do romantismo agonizante de Johann Wolfgang von Goethe em seu leito de morte, no qual murmurava: “mais luz!”, mesmo sabendo que nos lugares em que impera a luz as sombras são ainda mais profundas.

## Referências

- Freud, S. (1927/2014). *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kant, I. (1784/1990). *Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo?*. Lisboa: Edições 70.
- Pinker, S. (2018). *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pondé, L. F. (2019). *Como aprendi a pensar: os filósofos que me formaram*. São Paulo: Planeta do Brasil.

## Resumo

Na aurora da pós-modernidade, o psicólogo Steven Pinker nos apresenta um manifesto sobre um novo luminar da razão, um novo Iluminismo, tal como ele o nomeia. Texto intitulado como uma defesa aguerrida do que é mostrado como sendo o tripé iluminista: razão, ciência e humanismo. Vemos também retratado um panorama do que seria o velho Iluminismo, compaginando o clássico mote do poeta romano Horácio: *sapere aude* – Ouse entender! Ali se comprimem os grandes personagens que escreveram as linhas mestras do ocaso da velha luz, esta fundamentada nas proposições enciclopédicas de Diderot, ceticistas de Hume, universais de Kant e cosmopolitas de Voltaire. Para Pinker, faz-se necessária uma interpretação dos dados atuais sobre o progresso humano, mas, mais que isso, é fundamental reconhecer nos fatos o índice de que vivemos um tempo no qual a razão adquiriu luz nova. Condição que faz considerar também seu avesso, aquilo que o romantismo analítico de Freud permite enxergar: um certo mal-estar em meio a tanta luz.

**Palavras-chave:** Iluminismo. Razão e ciência.

## Light and Shadow: The New Enlightenment in the Light of Psychoanalysis

### Abstract

At the dawn of postmodernity, psychologist Steven Pinker presents us with a manifesto about a new light of reason, a new enlightenment, as he names it. Text titled as a fierce defense of what is shown to be the tripod of the Enlightenment: reason, science and humanism. We also see portrayed a panorama of what would be the old Enlightenment, matching the classic motto of the Roman poet Horace: *sapere aude* – Dare to understand! There are the great characters who wrote the main lines of the sunset of the old light, the latter based on Diderot's encyclopedic propositions, Hume's skeptics, Kant's universals and Voltaire's cosmopolitans. For Pinker, an interpretation of current data on human progress is necessary, but, more than that, it is fundamental to recognize in the facts the index that we live in a time in which reason has acquired new light. A condition that also makes us consider its opposite, what Freud's analytical romanticism allows us to see: a certain malaise in the midst of so much light.

**Key words:** Enlightenment. Reason and science.

## Ombre et lumière : les nouvelles Lumières à la lumière de la psychanalyse

### Résumé

À l'aube de la postmodernité, le psychologue Steven Pinker nous présente un manifeste sur une nouvelle lumière de la raison, une nouvelle illumination, comme il la nomme. Texte titré comme une farouche défense de ce qui se révèle être le trépied des Lumières : raison, science et humanisme. On y voit également dépeint un panorama de ce que serait l'ancien siècle des Lumières, correspondant à la devise classique du poète romain Horace : *sapere*

aude – Oser comprendre ! Il y a les grands personnages qui ont écrit les grandes lignes du couchant de l'ancienne lumière, ces derniers à partir des propositions encyclopédiques de Diderot, des sceptiques de Hume, des universels de Kant et des cosmopolites de Voltaire. Pour Pinker, une interprétation des données actuelles sur le progrès humain est nécessaire, mais, plus que cela, il est fondamental de reconnaître dans les faits l'indice que nous vivons à une époque où la raison a acquis une nouvelle lumière. Condition qui nous fait aussi considérer son contraire, ce que le romantisme analytique de Freud nous laisse entrevoir : un certain malaise au milieu de tant de lumière.

**Mots-clés:** Lumières. Raison et science.

## **Luz y sombra: la nueva Ilustración a la luz del Psicoanálisis**

### **Resumen**

En los albores de la posmodernidad, el psicólogo Steven Pinker nos presenta un manifiesto sobre una nueva luz de la razón, una nueva iluminación, como él la denomina. Texto titulado como férrea defensa de lo que se muestra como el trípode de la Ilustración: razón, ciencia y humanismo. También vemos retratado un panorama de lo que sería la Ilustración antigua, coincidiendo con el lema clásico del poeta romano Horacio: sapere aude – ¡Atrévete a comprender! Están los grandes personajes que escribieron las líneas maestras del ocaso de la vieja luz, estos últimos basados en las proposiciones enciclopédicas de Diderot, los escépticos de Hume, los universales de Kant y los cosmopolitas de Voltaire. Para Pinker es necesaria una interpretación de los datos actuales sobre el progreso humano, pero, más que eso, es fundamental reconocer en los hechos el índice de que vivimos en un tiempo en el que la razón ha adquirido nueva luz. Una condición que también nos hace considerar su contrario, lo que el romanticismo analítico de Freud nos deja ver: cierto malestar en medio de tanta luz.

**Palabras clave:** Ilustración. Razón y ciencia.